



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

ROBERTA PEREIRA ALVES

**CONCORDÂNCIA VERBAL EM MÚSICAS DO GÊNERO *FUNK* COMO *INPUT* NO
DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA ESCRITA**

BRASÍLIA

2022

ROBERTA PEREIRA ALVES

**CONCORDÂNCIA VERBAL EM MÚSICAS DO GÊNERO *FUNK* COMO *INPUT* NO
DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA ESCRITA**

Artigo apresentado à disciplina Projeto de Curso, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, pela Universidade de Brasília (UnB).

Professora Orientadora: Dra. Heloisa Maria
Moreira Lima De Almeida Salles

*Eu canto em português errado
Acho que o imperfeito não participa do passado*

(Renato Russo)

RESUMO: Neste artigo, busca-se investigar o uso da concordância verbal em músicas do gênero *funk* como *input* para o desenvolvimento da língua escrita de falantes do português brasileiro, considerando a imersão em contextos sociais diversificados, em que se destaca o acesso frequente a esse estilo musical. O trabalho se baseia nos estudos de Kato (2005), — que desenvolve a hipótese sobre a natureza do conhecimento linguístico do letrado, comparando o desenvolvimento da língua escrita à aquisição de uma segunda língua, em confronto com a formação da gramática nuclear proposta por Chomsky (1981) — e de Vieira e Pires (2012), — que apresentam um levantamento das ocorrências da concordância verbal em redações de vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que constatam a concordância variável, embora a conformidade com a norma padrão ocorra na maioria dos casos, o que é explicado pela situação de alto grau de monitoração linguística —, além de uma comparação de como o assunto é apresentado na gramática normativa de Cunha e Cintra (2016). Assumindo a hipótese de Kato (2005), de que as músicas *funk* são *input* para a formação da gramática nuclear do falante, verificamos que as estruturas não convergentes de concordância verbal nos dados coletados das músicas *funk* não coincidem com as que ocorrem nas redações do vestibular, confirmando-se o papel dos gêneros textuais e a relevância da escolarização na afirmação da norma padrão. Dessa forma, constatamos a possibilidade de abertura de estudos futuros voltados para investigação de fatores de favorecimento da ausência de marcação morfológica de concordância verbal constantemente encontrada na oralidade.

PALAVRAS-CHAVES: concordância verbal; *input* linguístico; gramática nuclear.

ABSTRACT: In this paper, it is intended to investigate the use of subject-verb agreement in Brazilian funk songs as input to the development of the written language of speakers of Brazilian Portuguese, considering their immersion in different contexts, notably the access to this kind of music. The paper is based on Kato's (2005) study, which investigates the nature of the linguistic knowledge of the literates, in terms of the acquisition of a second language, as opposed to the formation of the nuclear grammar, as proposed by Chomsky (1981) – as well as on Vieira and Pires' (2012) study, which presents a survey about the occurrences of subject-verb agreement in written essays in exams to access the Rio de Janeiro's Federal University, situation that requires an intense linguistic monitoring. We further summarize the topic of verbal agreement in

Cunha and Cintra's (2016) normative grammar. Assuming Kato's (2005) hypothesis that the funk songs constitute input for the development of the nuclear grammar of the speakers, we demonstrate that the divergent structures in the collected data do not coincide with the ones that occur in the written essays, confirming the role of textual genres and the relevance of schooling for the development of the normative patterns. We thus show the possibility of future studies investigating factors favouring the absence of morphological marking of verbal agreement which is constantly found in the spoken language.

KEYWORDS: subject-verb agreement; linguistic input; nuclear grammar.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Contextualização teórica do problema: a natureza do <i>input</i> linguístico do falante letrado.....	7
3. A gramática do letrado: questões para teoria gramatical.....	9
4. Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular.....	13
5. A concordância verbal na gramática tradicional.....	15
6. A concordância verbal em músicas do gênero <i>funk</i> : análise e reflexões.....	19
7. Considerações finais.....	24
8. Referências bibliográficas.....	24

1. Introdução

Neste artigo, busca-se analisar o uso da concordância verbal em excertos de músicas do gênero *funk*, em canções com grande repercussão nos últimos anos no meio musical, a fim de caracterizar os contextos sintáticos e os fatores favorecedores da ocorrência das estruturas não convergentes em relação à norma padrão, tendo em vista a hipótese de que servem de *input* para os falantes do Português Brasileiro (PB), na constituição da gramática nuclear da língua interna das pessoas que se identificam com o gênero musical e o acessam rotineiramente. Esses dados serão confrontados com *input* linguístico da norma padrão, que se faz acessível ao falante, no contexto educacional, no processo de letramento, o qual é analisado como desenvolvimento de segunda língua.

Tal abordagem baseia-se no estudo de Kato (2005), no qual a autora apresenta a hipótese sobre a natureza do conhecimento linguístico do letrado e sobre como o falante o atinge, levando em conta a construção da gramática nuclear e as estruturas que constituem a chamada “periferia marcada”, ambas definidas a partir de imersão em diversos contextos sociais. Os dados das músicas *funk*, em que se verificam casos de concordância divergente em relação à norma padrão, são contrastados com indivíduos imersos em processo de letramento, extraídos da análise de Vieira e Pires (2012), que fizeram um levantamento da ausência de marcação morfológica de plural em verbos em concordância com seu sujeito, em redações de vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Acrescentamos à discussão uma síntese de como o assunto é apresentado nas gramáticas normativas, a fim de evidenciar mais uma forma de se obter *input* linguístico a partir das múltiplas possibilidades de imersão de um falante em constante contato com o estilo musical apresentado.

A organização do estudo se dará, em ordem, pela apresentação dos estudos de Vieira e Pires (2012), de Kato (2005) e de Cunha e Cintra (2016). Em seguida, apresentar-se-ão as músicas selecionadas com o intuito de reforçar como servem de base para formação da gramática nuclear dos indivíduos, em divergência com o que é propagado em contextos de letramento e de alto grau de monitoração linguística, bem como o assunto se relaciona aos textos explanados. Por fim, encaminharemos para as considerações finais do trabalho.

2. Contextualização teórica do problema: a natureza do *input* linguístico do falante letrado

A concordância verbal é a exteriorização da “solidariedade entre o verbo e o sujeito” (CUNHA, CINTRA, 2016. p. 510), fazendo com que aquele se molde e concorde “em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido” (CUNHA, CINTRA, 2016. p. 511) - quando se trata de um único núcleo no sujeito. Essa é a regra geral descrita pelos gramáticos, a qual norteia as variedades prestigiadas do fenômeno. Além dela, há casos especiais para situações específicas, em que o verbo será flexionado de maneira particular, indo ao plural ou ao singular, a depender do contexto (podendo variar as especificações do sujeito ou do próprio verbo).

Conforme exposto por Vieira e Pires (2012), a ausência do traço morfológico no verbo na relação com um sintagma nominal na posição de sujeito indica um valor sociolinguístico, pois é um traço estigmatizante de diferenciação social. Por esse e outros motivos, o assunto toma holofotes em contextos de letramento, sendo sempre reforçado por professores e educadores em ambiente escolar, por mais que não seja seguido à risca pelos indivíduos e pelos estudantes em processo de formação e enriquecimento do conhecimento linguístico, seja ele formal ou não.

O PB, como toda língua natural, manifesta uma extensa gama de variações linguísticas e, quando se trata de concordância, o mesmo se aplica. A disparidade entre a gramática da língua falada e a da língua escrita é significativa e, para Kato (2005), o desenvolvimento desta pode ser comparado ao processo de aprendizagem de uma segunda língua (L2) por um indivíduo.

Ainda não são amplamente aceitas a necessidade e a aplicação, principalmente na Educação Básica, do ensino de variedades não padrão — tomando como referência as formas prescritas pela gramática normativa —, sendo ainda propagado que as formas que não são as especificadas na gramática normativa são erradas, por mais que a ausência de marcação de plural no verbo seja produzida na língua oral pelos falantes.

Como base deste estudo, partiremos da ideia de que o *input* linguístico a que o falante é exposto pode se originar de diversas formas e em diversos contextos sociais. No caso, focaremos em músicas do gênero *funk*, com o intuito de reforçar que os indivíduos, mesmo imersos em contextos de letramento, são influenciados pelas letras dessas músicas, as quais, a

depender do grau de imersão e identificação que têm com esse tipo de conteúdo, podem compor a gramática nuclear de sua Língua-I. Visa-se, portanto, a coletar dados que demonstrem a ocorrência da concordância verbal divergente em relação à norma padrão, a fim de verificar o tipo de contexto e as condições sintáticas e semânticas que as favorecem, além das condições discursivas, relacionadas ao gênero textual. Dessa forma, a hipótese é que existe um *input* relevante para a ausência de marcação morfológica de plural em verbos, para que concordem com seu respectivo sujeito, nessas músicas, que podem se apresentar como *input* linguístico tendo em vista o seu consumo pelos ouvintes.

No que diz respeito à concordância verbal, sabe-se que as variedades linguísticas existentes são produzidas em diversos contextos, sem estarem necessariamente ligadas unicamente a um único fator, como monitoração linguística, classe social, características de gênero ou de faixa etária, conforme discutido no âmbito da Sociolinguística (cf. Vieira e Pires, 2012). Para os indivíduos imersos em processo de letramento, a construção indicada é básica e geral; entretanto, devido à formação da gramática nuclear de cada um e aos diferentes estímulos de *input* a que são submetidos, a previsão é que o falante desenvolva também um conhecimento linguístico periférico, que se constitui de estruturas usadas esporadicamente, associadas a contextos marcados pelo grau de formalidade ou por fatores estilísticos, conforme propõe Kato (2005). Desse modo, pretende-se reforçar que as músicas, que fazem parte do dia a dia de todos os brasileiros, e as construções gramaticais presentes nelas são inconscientemente assimiladas pelos falantes, afinal, as estruturas encontradas nos dados coletados permeiam a língua falada.

Na próxima seção apresentamos o estudo de Kato (2005), em que é discutida a natureza do *input* linguístico no desenvolvimento da gramática do indivíduo, tendo como referência a hipótese da Gramática Universal (GU). Em seguida, fazemos uma síntese dos resultados da análise sociolinguística da concordância verbal em redações de vestibular realizada por Vieira e Pires (2012). A hipótese é a de que as redações de vestibular evidenciam as características do conhecimento linguístico do falante após o acesso à escolarização básica, em que atuam não só textos escritos na língua padrão, mas também textos de diferentes tipos, orais e escritos. Segue-se ainda uma síntese da abordagem da gramática tradicional em relação ao tema da concordância verbal, a fim de estabelecer o parâmetro da língua padrão. Por fim, apresentar-se-ão a realização do fenômeno da concordância em músicas do gênero *funk* e como se relacionam às questões levantadas.

3. A Gramática do Letrado: Questões para a Teoria Gramatical

Em “A Gramática do Letrado: Questões para a Teoria Gramatical”, Mary A. Kato nos traz uma comparação do processo de aprendizagem da escrita ao processo de aquisição de uma segunda língua, diferentemente da aquisição da língua materna. Isso porque são processos complexos que requerem bastante atenção e estudos para se entender melhor seu desenvolvimento, exigindo metodologias diferentes.

A fim de estabelecer relações entre o conhecimento linguístico da criança e do adulto letrado, Kato (2005) apresenta os questionamentos feitos por Chomsky para a Língua-I, argumentando que a gramática da língua deve ser investigada — quanto à natureza do conhecimento linguístico do letrado e como ele o atinge. Para investigar a natureza desse conhecimento, Kato afirma que não se desenvolve da mesma forma das outras realizações da primeira língua que o falante adquire na infância. Já em relação a como o indivíduo atinge tal conhecimento para aquisição da escrita, o problema apresentado é quanto à possibilidade de se acessar a Gramática Universal (GU). No caso, toma como base que há um acesso indireto à GU, pela língua falada, similar ao que ocorre na aquisição de uma segunda língua.

Defenderei, dentro dessa linha, a hipótese de que a gramática da L1 contém uma periferia marcada onde valores paramétricos opostos ao da gramática nuclear podem estar presentes, com caráter marcado, recessivo, valores esses que podem assumir um valor competitivo, durante a escolarização, em relação aos valores que se encontram definidos na gramática nuclear. (Kato, 2005, p. 132)

Para se entender melhor o assunto abordado, a autora retoma conceitos propostos por Chomsky (1981, 1986) de Língua-I e Língua-E. Aquela é interna, intensional e individual, já que, respectivamente, refere-se à representação mental e não a um objeto do mundo externo; constitui o conhecimento por princípios e parâmetros, compondo uma forma intensional de conjunto; e é algo pessoal e não é visto como um objeto social, político ou geográfico. Já a Língua-E contrapõe-se, pois é externa e extensional.

A Língua-I, conforme mencionado na abordagem gerativista, é composta por princípios (que são invariáveis e válidos para todas as línguas naturais) e parâmetros (que possibilitam a variação linguística e são marcados, a depender do *input* a que o indivíduo foi exposto, por valores (+) ou (-)). Quando todos os parâmetros já estão preenchidos ((+) ou (-)), forma-se a gramática nuclear do indivíduo, que é uma idealização dos padrões da língua a que ele está imerso, podendo estar subjacente a outras Línguas-I, já que o conhecimento linguístico varia de pessoa para pessoa, de acordo com suas experiências e particularidades. Já

A periferia, para Chomsky (1981), pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal”. (Kato, 2005, p. 132)

De acordo com essa abordagem, as crianças chegam à escola com a gramática nuclear já definida - isto é, todos os parâmetros já fixados, — pois já passou a fase inicial da aquisição — seja esta a aquisição instantânea proposta por Chomsky, seja ela podendo ser desenvolvida e amadurecida até os 6 anos de idade, de acordo com alguns psicolinguistas.

No modelo da Gramática Universal, de acordo com Kato (2005), os parâmetros são identificados como “propriedades da morfologia das categorias funcionais”. Por exemplo, o PB costumava ser uma língua típica de Sujeito Nulo (SN), no entanto, sua concordância de flexão se viu enfraquecida e hoje uma criança brasileira já chega à escola produzindo características de propriedades contrárias a de uma língua de SN. Os exemplos dados pela autora para demonstrar essa desconstrução que acontece no PB são os de (1) sujeito referencial preenchido, (2) ausência de concordância com sujeito posposto, (3) clíticos com movimento curto e ainda apresenta uma nova propriedade comum na gramática nuclear de crianças, (4) objetos nulos referenciais (extraídos de *corpora* de aquisição de L1):

- (1) a. **Eu** quelu.
b. O papai_i disse que **ele**_i vem.
- (2) **Chegou** os ovos.
- (3) A mamãe não vai **me** levar.
- (4) a. Eu encontrei \emptyset _i na rua.
b. Eu quero \emptyset _i.

Kato (2005) ainda reforça que, além da gramática nuclear, as crianças terão diferentes e particulares fontes de construção da Língua-I, em seu conhecimento periférico, isso porque cada uma estará submetida a um contexto, seja ele exposição a contos de fadas (nos quais há sujeitos nulos correspondentes a pronomes vivos ou fósseis), leituras bíblicas (nas quais há frequentemente inversões da ordem canônica das orações) ou outros contextos, sejam eles repassados de forma oral ou textos lidos.

Em seguida, a hipótese levantada, para os letrados em processo de letramento, é a de que “a escola procura recuperar as perdas linguísticas, uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita” (KATO, 2005). A partir disso, a autora cita um estudo de Kato, Cyrino e Correa (1994) sobre o uso do sistema pronominal, em que cruzaram dados de diacronia com dados de redações escolares e constataram que o PB perdeu os clíticos

de 3ª pessoa, introduzindo o objeto nulo referencial (5), o movimento longo do clítico (6); e a forma pronominal de caso reto como acusativo (7), relacionando-os à perda do sujeito nulo:

- (5) a. Comprei o peixe sem examiná-**lo**.
- b. Comprei o peixe sem examinar \emptyset .
- (6) a. João não **me** tinha cumprimentado.
- b. João não tinha **me** cumprimentado.
- (7) Eu vi **ele** saindo.

Pôde-se, então, verificar que a escola simula a gramática do passado apenas parcialmente, pois produz conhecimento diferente do falante de séculos anteriores. Afinal, a escola recupera os clíticos em quantidade, mas sua posição não permanece a mesma.

Ademais, conforme exposto, não há paridade entre a gramática do escritor brasileiro e a do falante de português contemporâneo, comprovada pela necessidade constante de tradução entre obras do português europeu (PE) para o PB, o que pode ser exemplificado por uma tradução europeia de uma obra brasileira de Paulo Coelho, na qual há sistematicamente o preenchimento por clítico do objeto nulo, sendo que na versão original ele é nulo. Além disso, verificou-se que “o escritor brasileiro já incorpora a inovação do pronome reto na posição de objeto, mas o faz em variação com o clítico” (KATO, 2005).

Mediante tal análise, em relação aos clíticos, a autora concluiu que a gramática do letrado brasileiro “não corresponde a uma gramática de um falante letrado do passado e nem às de um letrado português” (KATO, 2005, p. 136). Ainda, sobre sua escrita, pode apresentar formas velhas e inovadoras.

Ao retomar o paralelo feito em relação à aquisição de escrita como aquisição de L2, Kato se norteou por duas hipóteses conhecidas pela literatura, (a) a de que não há acesso à GU e (b) a de que há acesso indireto à GU - por intermédio da L1 (no caso de aquisição de L2) ou da gramática falada (no caso de desenvolvimento da escrita).

Para defender a tese da aprendizagem na L2 e na escrita, cita Meisel (1991), o qual reforça que “a aprendizagem [de uma segunda língua] se dá por regras e não por princípios e parâmetros” e processo similar ocorre quanto à escrita, o qual contém evidências comportamentais, como erros de esquiva e hipercorreções.

Já para defender a tese do acesso indireto à GU na L2 e na escrita, apresenta as ponderações de Herschensohn (2000), que argumenta:

- a) que os aprendizes adquirem categorias funcionais que não existem na sua L1; b) que não existe nenhuma gramática intermediária que seja totalmente estranha aos princípios da GU; c) que os aprendizes exibem conhecimentos que extrapolam o

“input”; e d) que, em alguns casos, o estágio estabilizado (*steady state*) se assemelha ao do falante nativo.

Por mais que o surgimento instantâneo de conjuntos de propriedades seja característico apenas da aquisição de L1, não significa, para a estudiosa, dizer que não há acesso à GU pelos aprendizes de L2.

Logo, Kato, baseada nos estudos de Herschensohn, defende o acesso à GU na escrita argumentando que a escrita:

- a. é restrita pelos mesmos Princípios da GU;
- b. faz uso das mesmas categorias e funções; e
- c. as opções gramaticais nelas presentes são previstas pelos Parâmetros da GU.

Ainda acrescenta que a visão paramétrica das línguas vem sendo substituída de macro para micro, com ramificações, inclusive, para subparametrizações, possibilitando diferentes interpretações, como, por exemplo, a de que “a ausência de uma das subpropriedades de um parâmetro pode significar que o aprendiz está operando em um subparâmetro onde tal propriedade não existe” (KATO, 2005. p. 137).

Além disso, ressalta a problematização de diferenciar aquisição de L1 e de L2 em função de dados positivos e negativos, respectivamente. Isso porque a L2 pode ser adquirida apenas por dados positivos (imersão) ou somente negativos (instrução). Logo, a aquisição de L2 terá bastantes semelhanças à aquisição de L1 quando por imersão ambiental, e da escrita, por meio da imersão de leitura.

Considerando que há acesso à GU — seja para aquisição da L2, seja para o desenvolvimento da escrita —, através da L1 (ou da gramática falada), Kato (2005) traz à tona a teoria do bilinguismo universal e a do bilíngue latente, de Roper (2000). A primeira seria quando o falante mantém a G1 e a G2, ambas como gramáticas nucleares distintas, mas com o mesmo estatuto — parâmetros são selecionados nos dois valores; já na segunda, um dos valores do parâmetro é considerado *default* (o *Minimal Default Grammar*), o qual pode ser refixado, por exemplo, quando se tem uma situação de aquisição de uma nova gramática.

O destaque dado à proposta de Roper é devido ao fato de possibilitar acesso total ou indireto à GU, considerando um bilinguismo em nível desigual, com G1 na gramática nuclear e G2 na periferia marcada.

Kato (2005) discute ainda a proposta de Silva-Corvalán (1986), ressaltando que também importa para hipótese de acesso indireto à GU, especialmente para línguas que se assemelham à L1, como ocorre com o desenvolvimento da escrita. Dessa forma, propõe que “a aquisição de L2 se dá quando uma propriedade gramatical periférica da L1 é aprendida como tendo o estatuto

de uma propriedade nuclear na gramática da L2” (KATO, 2005, p. 138), gerando a possibilidade de construir um paralelo pelo fato da G2 do letrado tomar estatuto de propriedades nucleares, sendo que antes eram periféricas.

Quanto à aquisição de uma nova gramática que não seja a L1, a autora encerra com duas hipóteses, argumentando que a primeira é mais adequada para aquisição de L2: (a) “o falante letrado tem duas gramáticas nucleares” (KATO, 2005, p. 139) - seja por acesso total à GU, conforme apresentado por Roeper, adquirida pela *Minimal Default Grammar*; seja por acesso indireto, pela permeabilidade das gramáticas, de acordo com Silva-Corvalán; e a segunda se adequa melhor ao tipo de conhecimento do letrado: (b) “o falante letrado é um bilíngue desigual que tem, em sua Língua-I, uma periferia marcada maior do que a dos não letrados” (KATO, 2005, p. 139).

Por fim, conclui que as gramáticas nucleares estão presentes e acessíveis a todos os indivíduos, pairando a diferença na periferia que expande a Língua-I de cada um. Ademais, pelo fato das regras estilísticas que compõem a G2 serem selecionadas de construções originárias da GU, são um subproduto da própria Gramática Universal.

O estudo de Kato (2005) constitui o ponto de partida para o presente estudo, em que nos propomos analisar o *input* linguístico presente nas letras das músicas *funk* no que se refere à concordância verbal, em perspectiva comparada com o desempenho de estudantes em redações de vestibular (em que se supõe um nível básico de letramento). Passamos a apresentar os resultados do estudo de Vieira e Pires (2012).

4. Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular

Em “Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular: restrições e avaliação”, Silvia Rodrigues Vieira e Juliana Cristina de Paula Pires apresentam um estudo sociolinguístico, realizado por meio da análise de redações do vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - contexto de alto de grau monitoração linguística -, quanto às normas variáveis de concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Vieira e Pires (2012) trazem à tona o distanciamento entre a tradição gramatical e a língua falada, no que tange à presença de marcas morfológicas de 3ª pessoa do plural, presente no português brasileiro (PB). Em ambientes escolares, em desenvolvimento do letramento, ainda não é disseminada a realidade plural de variedades existentes, pois apenas a variedade padrão é ensinada e não há o reconhecimento de outras variedades da língua falada, as quais estão constantemente presentes no cotidiano dos falantes.

A pesquisa realizada pelas autoras tem base na Sociolinguística Laboviana, a qual “parte do pressuposto de que variação é um fato inerente às línguas e que não ocorre de forma aleatória, mas é sistemática e passível de descrição científica” (Vieira e Pires, 2012, p. 171). As autoras acrescentam que, conforme apresentado por Bortoni-Ricardo (2005), há três contínuos básicos para descrição das variáveis, sendo eles (i) rural-urbano, (ii) monitoração estilística e (iii) oralidade-letramento.

No caso, foram analisadas 400 redações de alunos que prestaram vestibular para ingressar na UFRJ e foram detectadas 2.516 ocorrências de sujeito em terceira pessoa do plural, com ou sem marca explícita de concordância padrão, conforme ilustrado a seguir, com dados extraídos do corpus (cf. Vieira e Pires, 2012, p. 175).

(8) Esses padrões *podem* estar relacionados à cultura (N2-0054).

(9) Indivíduos que *gosta* de se mostrar (N5-0037).

Desse quantitativo, em 7,5% (189 casos) das ocorrências não havia a marca de concordância de plural, comprovando a hipótese inicial de que seria alta a quantidade de realização morfológica da concordância no corpus, principalmente devido ao fato de ser um contexto de alto grau de monitoração linguística, por mais que se apresentasse o caráter variável da regra.

Entre as variáveis consideradas significativas, para que houvesse a ausência da concordância, as que mais se destacaram foram (i) saliência fônico-gráfica, (ii) animacidade do sujeito, (iii) posição do sujeito em relação ao verbo e (iv) presença de elementos intervenientes entre o SN sujeito e o SV. Da análise das variáveis, pôde-se constatar que a ausência da marcação de plural prevalecia principalmente quando (i) havia menor diferença entre as formas singular e plural do verbo, (ii) o sujeito não era caracterizado como animado, (iii) o sujeito estava posposto ao verbo e (iv) havia elementos intervenientes entre o sintagma nominal do sujeito e o sintagma verbal.

Ademais, a partir da nota recebida, pela banca avaliadora, em relação ao “atendimento ao padrão culto escrito”, em comparação ao uso variável da ausência de concordância verbal, averiguaram que quanto maior a quantidade de concordâncias de acordo com a norma padrão, maior a nota atribuída ao texto.

Dessa análise, podemos confirmar o que já se sabe sobre o contexto escolar e a avaliação por parte do professor. Afinal, no processo de letramento e imersão em textos escritos, é priorizada a variedade prestigiada, aquela que está de acordo com as normas previstas na gramática tradicional.

Consideramos que é necessário o trabalho com textos dissertativos, de caráter formal, no desenvolvimento do letramento. No entanto, é tarefa da escola desenvolver a consciência linguística do falante, em relação à variação linguística.

Nesse sentido, assim como foi observado no estudo de Kato (2005) em relação ao uso dos clíticos pronominais, conclui-se que a escola recupera a concordância de plural no verbo com sujeitos no plural, embora a variação se mantenha, condicionada pelos fatores citados. Na seção a seguir, apresentamos uma síntese da abordagem da concordância verbal na gramática tradicional, a qual é tomada como referência no desenvolvimento da língua escrita na Educação Básica.

5. A concordância verbal na gramática tradicional

Em “Nova gramática do português contemporâneo”, Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra (2016), dentre os inúmeros assuntos pertinentes à prescrição das normas da Língua Portuguesa, os autores apresentam as relações e características da *concordância verbal*, em uma subseção do capítulo 13 (intitulado Verbo).

Para os autores, a concordância é a exteriorização da “solidariedade entre o verbo e o sujeito” (CUNHA, CINTRA, 2016, p. 510), fazendo com que aquele se molde a este em número e pessoa. Ademais, indicam que permite a repetição desnecessária do sujeito, deixando claro, pelas flexões verbais e suas desinências, a quem se refere nas orações, como se pode perceber em:

(10) “A chuva caía violenta no quintal, *ensopava* a areia vermelha dos caminhos e *invadia* mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.”

(Luandino Vieira, *VVDX*, 72.)

(11) “Tu tens razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não *precisas voltar* aqui. Não quero que *te exponhas*.”

(J. Montello, *DP*. 296.)

Acrescentam que as regras gerais de concordância verbal apresentadas são duas, para quando há um único sujeito ou mais de um. Para o primeiro caso, “o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido” (CUNHA, CINTRA, 2016, p. 511) - exemplos (12) e (13); já para o segundo, o verbo irá para o plural e poderá variar a pessoa de acordo com a situação, indo para: (a) 1ª pessoa do plural, se um dos núcleos do sujeito figurar 1ª pessoa - exemplo (14); (b) 2ª pessoa do plural, caso não haja, no sujeito, 1ª pessoa e tenha 2ª

pessoa - exemplo (15); e (c) para a 3ª pessoa do plural, se forem da 3ª pessoa os sujeitos - exemplo (16) (grifos nossos):

(12) “A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E uma nova poesia
Desceu do céu, *subiu* do mar, *cantou* na estrada...”

(M. Bandeira, *PP*, 70.)

(13) “*Vieste* de um país que não *conheço*.”

(C. Nejar, *OP*, 26.)

(14) “Só eu e Florêncio ficamos calados, à margem.”

(C. dos Anjos, *DR*, 39.)

(15) “Nuvem sólida, rosa virginal, água branca

E tu, antiga sinfonia aérea,

Pertenceis ao anjo, não a mim.”

(M. Mendes, *P*, 164.)

(16) “Quando o Loas e a filha chegaram às proximidades da courela, logo se *anunciaram*.”

(F. Namora, *TJ*, 227.)

Adentrando nas particularidades da língua, foram apresentados também casos particulares de concordância verbal, além da regra geral, com diversas especificidades – seja nas características do sujeito, seja no tipo de verbo.

Para simplificar a visualização das informações, apresentaremos os quadros 1 e 2 contendo as particularidades de alguns casos, sendo eles, quando há um único sujeito e quando há mais de um sujeito. Ademais, o quadro 3 resumirá as particularidades da concordância do verbo *ser*.

Quadro 1 – Casos particulares de concordância verbal com um só sujeito

Casos particulares com um só sujeito	
ESPECIFICIDADE DO SUJEITO	FLEXÃO DO VERBO
<i>Expressão partitiva</i> + substantivo ou pronome plural	Singular ou plural
Denota <i>quantidade aproximada</i> - número plural precedido de expressões similares a <i>cerca de</i> , <i>mais de</i> , <i>menos de</i>	Plural

<p>Pronome relativo <i>que</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Concorda em número e pessoa com o antecedente do pronome; ● Concorda com o pronome pessoal sujeito – quando seu antecedente é um pronome demonstrativo; ● Concorda com o demonstrativo antecedente ao <i>que</i> – se não houver interesse em ressaltar a relação entre predicativo e sujeito; ● 3ª pessoa do plural ou do singular – se <i>um dos, uma das</i> (+ substantivo) anteceder o pronome relativo <i>que</i>; ● 3ª pessoa do plural – depois de <i>um dos que</i>.
<p>Pronome relativo <i>quem</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ● 3ª pessoa do singular; ● Concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior.
<p><i>Pronome interrogativo, indefinido ou indefinido plural, seguido de de/dentre nós(vós)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ● 3ª pessoa do plural; ● Concorda com o pronome pessoal que designa o todo.
<p><i>Plural aparente</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Singular se o sujeito não vier precedido por artigo; ● Plural se vier precedido por artigo.
<p><i>Indeterminado</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> ● 3ª pessoa do plural;

	<ul style="list-style-type: none"> • 3ª pessoa do singular, caso haja IIS (se).
--	--

Quadro 2 – Casos particulares de concordância verbal com mais de um sujeito

Casos particulares com mais de um sujeito	
ESPECIFICIDADES DOS SUJEITOS	VERBO
<ul style="list-style-type: none"> • Posposto ao verbo; • Sinônimos (ou quase); • Enumeração gradativa; • Interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade. 	Concorda com o mais próximo
Dois ou mais infinitivos	Singular
Resumidos por pronome indefinido	Singular
Representam uma só pessoa ou coisa, por diferentes palavras	Singular
Ligados por <i>e</i> ou <i>nem</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos; • Singular, se o fato expresso pelo verbo puder ser atribuído a um dos sujeitos (ideia alternativa).
Locução <i>um e outro</i>	Plural (comumente) ou singular
Ligados por <i>com</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Plural; • Concordância com o primeiro (para enfatizá-lo).
Ligados por <i>conjunção comparativa</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Concordância com o 1º sujeito, para destacá-lo; • Plural, para considerar sujeitos que se adicionam.

Em alguns casos, quando se tem o verbo *ser*, a concordância não se dá necessariamente conforme prescreve a regra geral. Portanto, Cunha e Cintra (2016) apresentaram casos especiais da concordância do verbo *ser*, representadas no quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Concordância verbal com o verbo *ser*

Concordância do verbo <i>ser</i>	
ESPECIFICIDADES DO SUJEITO	VERBO SER
<ul style="list-style-type: none">• Pronomes interrogativos substantivos <i>que?</i> e <i>quem?</i>• Pronomes <i>isto, isso, aquilo, tudo</i> ou <i>o</i> (=aquilo) + predicativo expresso por um substantivo no plural• Expressão de sentido coletivo• Orações impessoais	<ul style="list-style-type: none">• Concorda com o predicativo do sujeito
Nome de pessoa ou pronome pessoal	Concorda com o sujeito, independente do predicado
Constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade	Singular
Quando ocorre locução invariável <i>é que</i>	Concorda com o substantivo ou pronome antecedente à locução

Tendo como referência os textos de Kato (2005), de Vieira e Pires (2012) e as regras prescritas no texto gramatical de Cunha e Cintra (2016), passamos a analisar as músicas do gênero *funk*, selecionadas no contexto da hipótese de fornecerem *input* linguístico ao falante que a elas têm acesso, estando, portanto, presentes para a formação e construção de sua gramática nuclear, considerando, especificamente à concordância do verbo com o sujeito.

6. A concordância verbal em músicas do gênero *funk*: análise e reflexões

Conforme já mencionado, busca-se, neste trabalho, investigar a hipótese de as letras das músicas populares também serem fonte para a constituição do conhecimento linguístico, por fazerem parte do dia a dia dos falantes, influenciando a forma como se constitui a primeira língua (L1). Dessa forma, considera-se que tais textos fazem parte do *input* linguístico, formando a gramática nuclear, de acordo com os contextos vividos, como explica Kato (2005), a partir dos conceitos apresentados por Chomsky.

Para tanto, apresentar-se-ão os dados coletados. No caso, conforme mencionado, serão analisados trechos de músicas brasileiras do gênero *funk*, de diversos cantores e compositores. A escolha desse gênero deve-se à identificação dos jovens com os temas abordados, com o ritmo, e também pelo fortalecimento dos elos culturais e políticos que propicia — essas questões, de grande complexidade, não serão aprofundadas. Para fins do estudo, não se fez necessário apresentar a letra completa da música, pois bastavam para a análise os versos que contivessem o fenômeno em questão.

Para se chegar às letras das músicas apresentadas, foram acessados seus áudios oficiais, encontrados e disponíveis na plataforma digital YouTube, e feitas as transcrições cautelosas. Isso porque, quando se tinha acesso à forma escrita das canções, notamos que algumas adequações à gramática normativa eram feitas e não representavam realmente as construções a que o ouvinte tem acesso direto. Possivelmente isso se dá pelo fato de a escrita ser um contexto de maior monitoração linguística (VIEIRA, PIRES, 2012) e haver processos diferentes para aquisição da língua utilizada na oralidade e da língua escrita (KATO, 2005), portanto, destoando em suas formas.

Entre os casos encontrados, todos referir-se-iam à regra geral de concordância do verbo ao sujeito, apresentada por Cunha e Cintra (2016), se estivessem com a marcação morfológica prescrita. Entretanto, no caso, como não estão de acordo com a variedade prestigiada, em suas formas e adequações, possuem peculiaridades de realização. Neste artigo, os dados não convergentes com a norma padrão foram divididos em dois grandes grupos, guiados por especificidades do sujeito (as quais aparentam ditar a realização morfológica do verbo, desviando do que é apresentado na gramática normativa). São eles os casos em que há (i) sujeito pronominal e (ii) sujeito expresso por sintagmas nominais em que somente o determinante recebe marca de plural.

Sujeito pronominal

- *2ª pessoa do singular*

1. “Mas **tu tá** na minha mão”

(Oh Juliana, MC Niack, 2020)

2. “O teu tempo tá passando e **tu não toma** uma atitude”

(Din din din, Ludmilla, 2018)

3. “No pique BBB, **tu** já **sabe** o macete”

(No pique BBB, MC Rodrigo do CN, 2021)

4. “Devagarinho, **tu vai** sentar”,

(Ei, tudo bem, MC Zaquin e Wesley Gonzaga, 2021)

● *1ª pessoa do plural*

5. “Do jeito que dança **nós vira** até sapatão”

(Pancada, Mateus Carrilho e MC Dricka, 2021)

6. “E **nós desenrola** nas palavra, não **leva** desaforo pra casa”

(Pancada, Mateus Carrilho e MC Dricka, 2021)

7. “**Nós é** porte de sereia”

(Pancada, Mateus Carrilho e MC Dricka, 2021)

● *3ª pessoa do plural*

8. “Onde eu quico, onde eu sento, **eles me pede** em casamento”

(Sentadona Remix, Luísa Sonza, Davi Kneip, Mc Frog, Dj Gabriel do Borel, 2022)

Sintagmas nominais apenas com o determinante com marcação de plural

9. “E **as casinha é** baile de favela”

(Baile de Favela, MC João, 2015)

10. “**Os cria aqui do Serrão é** piloto de fuga”

(Vai pegar nunca, MC TH, Gordão do PC, MC Laranjinha & MC Magrinho, 2021)

11. “E tudo que ela faz **as invejosa imita**”

(Toda toda, Pikeno e Menor, 2013)

12. “Toda hora **essas mina quer** uma encrenca”

(Voltei pra cachorrada, MC Meno Dani, DJ Jeeh FDC e DJ Cyclone, 2022)

13. “E **as recalcada** me **odeia**”

(Pancada, Mateus Carrilho e MC Dricka, 2021)

14. “Fica sentada na esquina, só vendo **passar os macho**”

(É por isso que sofre, DJ Batata, Tati Quebra Barraco e Bárbara Labres, 2021)

Levando em consideração os dados apresentados, e considerando a hipótese de Kato (2005), podemos supor que o *input* linguístico alimenta a concordância variável, no desenvolvimento da gramática nuclear dos indivíduos, de acordo com sua exposição. No caso, a ausência de marcação morfológica de concordância verbal que se verifica, no texto das músicas, contribui para concretizar-se esse padrão na Língua-I (a qual é moldada e formada nos anos de aquisição, de acordo com o *input* a que o falante foi exposto, o que permitirá fixar os parâmetros da estrutura da língua a partir da imersão linguística). Dessa forma, a pessoa tem acesso a essas canções e agrega as estruturas que apresentam na formação de tais parâmetros.

A música é um gênero que se aproxima bastante da oralidade, dos contextos de diálogo cotidianos, em que as estruturas da língua são concretizadas da forma mais natural possível. Além dessas similaridades com a língua oral, é preciso construir uma identificação do cantor com o seu ouvinte, por isso a escolha de certos vocábulos e estruturas. Dessa forma, a ausência de concordância convergente com a norma padrão é uma forma de promover essa identificação.

No entanto, Vieira e Pires (2012) notam que, já nas redações, o uso consistente da variação prestigiada, conforme a norma, toma forma, isso porque nos contextos de letramento, na produção de textos dissertativos escritos, o monitoramento linguístico é muito maior e a seleção de alguns fenômenos da língua se torna mais específico, até mesmo pelo reconhecimento e preferência do uso da variedade prestigiada - de acordo com a gramática tradicional.

A diferença notada entre as realizações quanto à concordância verbal nas canções e nas redações indica que o tipo de padrão linguístico aferido nas músicas não está chegando aos textos escritos, pelo processo complexo de aprendizagem da língua escrita em contexto de letramento. Como expôs Kato (2005), os processos para se adquirir a língua oral e a escrita são diferentes um do outro, dados por estímulos e reforços distintos; no contexto de letramento, “a

escola procura recuperar as perdas linguísticas, uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita” (KATO, 2005).

Do que se pôde analisar, constata-se que os contextos em que há sujeito pronominal favorecem a ausência da marcação morfológica de concordância verbal de acordo com os padrões da gramática tradicional, pois verificou-se flexão do verbo na 3ª pessoa do singular, independentemente das características morfológicas do sujeito - 2ª pessoa do singular, 1ª ou 3ª pessoas do plural (exemplos 1 a 8). É interessante notar que os pronomes de 1ª pessoa do plural e 2ª pessoa do singular marcam a relação entre os participantes no discurso, o que confirma a relação com a oralidade. Tais pessoas do discurso estão geralmente ausentes dos textos dissertativos, que é o tipo de texto geralmente solicitados aos estudantes em redações de vestibular e no desenvolvimento da língua escrita na escola.

Nas situações em que há o sujeito expresso por sintagmas nominais e apenas o determinante manifesta marcação de plural, verifica-se também a ausência da marcação morfológica de concordância verbal de acordo com os padrões da gramática tradicional (exemplos de 9 a 14). De fato, o verbo se flexiona em concordância com o núcleo do sujeito, o qual se apresenta no singular — afinal, nos casos em questão, apenas o determinante vem com marcação morfológica de plural. Esse tipo de situação não ocorre nos dados coletados por Vieira e Pires (2012), uma vez que os casos de ausência de concordância são condicionados por outros fatores.

Para esse último caso, em que a estrutura do sintagma nominal na posição sujeito — interfere na realização morfológica do verbo desviando a concordância verbal da norma prescrita na gramática normativa, — sinalizamos destaque para pesquisa futura. De fato, os sintagmas nominais em que apenas o determinante ocorre com marcação de plural, além de serem conteúdo atual para pesquisa de estudiosos em relação à concordância nominal, permitem estudo especializado quanto ao tema da concordância verbal. Isso porque sua realização reforça a característica da língua como um fenômeno dinâmico, que se adequa às necessidades dos falantes para estabelecer comunicação de acordo com as condições de uso e do contexto social, além de possuir estrutura complexa, em que se constata, por exemplo, o papel da carga semântica plural do sintagma, representada por um único termo com a marca morfossintática de plural, o determinante, em contraste com a concordância verbal, que se mantém no singular, em concordância com o núcleo do sintagma nominal.

7. Considerações finais

Neste estudo, investigamos a ausência de marcação morfológica de concordância verbal em músicas do gênero *funk*, a fim de reforçar o estudo de Kato (2005) a respeito de como o processo de aquisição de linguagem e o desenvolvimento da escrita se dão de formas diferentes, uma vez que o acesso ao conhecimento linguístico do letrado e a sua natureza são complexos, envolvendo a Língua-I, a qual engloba não só a gramática nuclear como também um conhecimento linguístico situado em sua periferia, de acordo com a natureza do *input* linguístico a que o falante é exposto em suas vivências. Ademais, comparamos tal ausência ao que Vieira e Pires (2012) nos trazem na análise feita quanta à concordância verbal em redações de vestibular para a UFRJ, nas quais há, em sua maioria, a presença da concordância de acordo com a gramática normativa por se tratar de um contexto de alto grau de monitoração linguística.

Os trechos de músicas apresentados vão de encontro ao que é apresentado nas gramáticas normativas, como a de Celso e Cunha (2016), porém não se configuram como erro, mas sim como, segundo correntes da Sociolinguística, realizações da regra variável do fenômeno (VIEIRA, PIRES, 2012) e ainda compõem ativamente o *input* linguístico do falante que tem acesso a tais músicas, formando sua gramática nuclear.

Considera-se, portanto, que a imersão do falante em ambientes com constante contato com músicas brasileiras do gênero *funk* pode ser um dos fatores constituintes do desenvolvimento da gramática nuclear da Língua-I, sendo suas estruturas, por hipótese, integrantes do conhecimento linguístico desses indivíduos. Contudo, o *input* linguístico adquirido entra em competição com as formas da língua apresentadas em contexto de letramento, no qual o grau de monitoração linguística é intenso e apenas a variedade prestigiada do fenômeno é reforçada, o que pode levar ao desenvolvimento de um tipo de bilinguismo desigual, nos termos da hipótese de Kato (2005), a qual consideramos pertinente para o entendimento da gramática do falante letrado.

8. Referências bibliográficas

- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
_____. *Knowledge of language*. New York: Praeger.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7ª ed. Rio de Janeiro. Lexicon Editora Digital, 2016.

DJ BATATA, TATI QUEBRA BARRACO, BÁRBARA LABRES. *É por isso que sofre*. São Paulo: Universal Music, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TvmwfeCxGIA> . Acesso em 1 abril de 2022.

HERSHNSOHN, Julia. *The second time around: minimalism and L2 acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

KATO, Mary A. *A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical*. In. M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005: 131-145.

LUDMILLA. *Din din din*. São Paulo: xxx, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrJJbHlxsI> . Acesso em 1 abril de 2022.

LUÍSA SONZA, DAVI KNEIP, MC FROG, DJ GABRIEL DO BOREL. *Sentadona (remix)*. São Paulo: Gafe filmes, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VKaLjHZJ-GY> . Acesso em 1 abril de 2022.

MATHEUS CARRILHO, MC DRICKA. *Pancada*. Rio de Janeiro: TH4I, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rKNsZ4GgqQ8> . Acesso em 1 abril de 2022.

MC JOÃO. *Baile de favela*. São Paulo: KondZilla, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8 . Acesso em 1 abril de 2022.

MC MENO DANI, DJ JEEH FDC, DJ CYCLONE. *Voltei pra cachorrada*. São Paulo: Love Funk, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uoPiWA2VYaw> . Acesso em 1 abril de 2022.

MC NIACK. *Oh Juliana*. São Paulo: KondZilla, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tun92VU2OkU> . Acesso em 1 abril de 2022.

MC RODRIGO DO CN. *No pique BBB*. São Paulo: Love Funk, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9jcvpMVorhw> . Acesso em 1 abril de 2022.

MC TH, GORDÃO DO PC, MC LARANJINHA, MC MAGRINHO. *Vai pegar nunca*. Rio de Janeiro: Medellin Records, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hqYRc3y-nPk> . Acesso em 1 abril de 2022.

MC ZAQUIN. *Ei, tudo bem*. São Paulo: Só Hits, 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=FLqygT_T5jk . Acesso em 1 abril de 2022.

PIKENO, MENOR. *Toda toda*. São Paulo: KondZilla, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DCvbWV_c6xg . Acesso em 1 abril de 2022.

ROEPER, Thomas. Universal Bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition* 3 (2) (p. 169-186).

SILVA-CORVALÁN, Carmen. On the permeability of grammars. In W J. Ashby et al. (eds) *Linguistic Perspectives on Romance Languages*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1993 (p. 19-44)

VIEIRA, Silvia; PIRES, Juliana. *Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular: restrições e avaliação*. Matruga, v. 19, n. 30, Rio de Janeiro, 2012: 168-188.